

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO
4 e 6 de Dezembro de 2019

DAIJIGA UMULE PAJINNAL / 1996
(“O Dia em que um Porco Caiu a um Poço”)

Um filme de Hong Sang-soo

Realização: Hong Sang-soo / Argumento: Hong Sang-soo, Chung Dae-Sung, Yeo Hye-Young, Kim Al-A e Seo Shin-Hye / Direcção de Fotografia: Cho Dong-Kwan / Música: Ok Kil-Sung / Montagem: Park Gok-Ji / Interpretação: Lee Eung-Kyung, Kim Yui-Sung, Park Jin-Sung, Cho Eun-Suk, Bang Eun-Hee, etc.

Produção: Dong-A Exports Co., Ltd. / Cópia da Jeonwonsa, DCP, colorida, versão original legendada electronicamente em português / Duração: 111 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 11 de Março de 1999 (“Cinema Contemporâneo da República da Coreia”).

Este filme que se esconde debaixo de um título estranhíssimo representou a estreia na realização de Hong Sang-soo. Uma estreia aclamada pela crítica coreana e não só: Tony Rayns, num artigo publicado na *Sight & Sound* em Janeiro de 1998, apontava Hong Sang-soo, apenas por este filme, como um dos dois valores seguros do cinema coreano contemporâneo – o outro era Jang Sun-Woo.

Não é difícil de compreender o entusiasmo de Tony Rayns. **Daijiga Umule Pajinnal**, se visto segundo critérios que privilegiem a pura “mise-en-scène” e todo o trabalho formal dela decorrente, é bem capaz de ser o melhor de todos os filmes exibidos ao longo do ciclo dedicado ao cinema coreano contemporâneo mostrado na Cinemateca em 1999. Mas, pelos mesmos motivos, também o mais “moderno”: encontramos no filme de Hong Sang-soo uma elaboração formal muito sistemática e rigorosa, muito concentrada mesmo quando aparenta ser mais distendida. E, o que salta igualmente à vista, dotada de uma segura notável.

Curiosamente, **Daijiga Umule Pajinnal** é quase um filme de “sketches”. “Quase”, porque se a atenção de Hong Sang-soo se debruça a cada momento sobre uma determinada personagem e sobre uma determinada situação (em blocos narrativos relativamente definidos), as interligações entre eles são múltiplas: como se não houvesse pontos de fuga a não ser ilusoriamente, como se estas personagens que tudo afasta e que de tudo se tentam afastar estivessem condenadas a reencontrarem-se eternamente numa espécie de círculo labiríntico e centrípeto. **Daijiga Umule Pajinnal** é um filme sobre o enclausuramento, que vê a vida como um “huis-clos”: o enigmático plano final, em que vemos uma das protagonistas femininas a abrir a janela da “marquise”, confirma-o sem qualquer tipo de retórica.

Retórica, aliás, é coisa que está ausente de todo o filme. A câmara de Hong Sang-soo limita-se praticamente a observar as suas personagens e em momento algum arrisca o menor movimento que possa ser entendido como “comentário” ou como elemento a acrescentar ao que nesse momento se mostra. O plano-sequência é a figura preferencialmente usada por Hong Sang-soo: cada enquadramento prevê, à partida, toda a movimentação dos actores no plano; depois, é uma questão de mero reenquadramento, se for caso disso. O campo-contracampo, o “insert” ou o plano de pormenor praticamente não têm lugar no filme de Hong Sang-soo. A tónica é posta no movimento interno do plano, e nalguns casos o princípio é utilizado com invulgar brilhantismo: veja-se a sequência entre Tong-Woo e a prostituta no hotel, que 99% dos realizadores não resistiriam a “découpar” em pelo menos uma dúzia de planos, e que Hong Sang-soo deixa fluidamente seguir numa notável coreografia do movimento dos actores – e repare-se no pormenor do espelho, e em como a sua localização permite “recuperar” para dentro do plano uma personagem que estava fora de campo.

Essa sequência, com o inesperado “gag” do preservativo “torcido”, é também uma boa demonstração do desconcertante humor de Hong Sang-soo – todo o filme é percorrido por um subterrâneo cinismo, como que confirmando o desespero da visão do mundo do seu autor. Mas Hong Sang-soo também é capaz de ser supremamente cruel, e é-o em quase todas as vezes que estão em causa questões sentimentais: veja-se o extraordinário plano em que uma das personagens masculinas repreende a amante, que lhe trouxe de presente um urso de peluche, por não saber distinguir entre “inocência” e “puerilidade”.

Luís Miguel Oliveira

NOTA: Esta “folha” retoma no essencial o texto originalmente escrito em 1999, por ocasião da primeira passagem do filme na Cinemateca. Há 20 anos, essa sessão foi simultaneamente a primeira projecção de um filme de Hong Sang-soo em Portugal.